

INTERVIEW: Timor-Leste wants to pay Greater Sunrise project without recourse to Petroleum Fund - Timor Gap

Lusa 08 March 2019

Timor-Leste wants to avoid recourse to the Petroleum Fund to finance capital costs of up to \$12 billion for the development of the wells for the Greater Sunrise project, the Timorese oil company official said today.

In an interview with Lusa, TimorGap president and chief executive officer Francisco Monteiro said he could not say exactly how much of that bill would be paid by Timor-Leste, because the issue is “still commercially confidential.”

“We are in negotiations with several partners on various ways to fund the project and I do not want to give any figures, but the goal is not to withdraw any money from the Petroleum Fund (PF).”

The goal is for the project to return to the PF the \$650 million which will be invested this month to buy the majority stake of 56.6% in the consortium of Greater Sunrise oil wells in Timor Sea.

When production starts, it is expected to guarantee a financial return of up to \$28 billion, the official said.

“Our conservative estimate is that at least \$28 billion will go into the PF from Greater Sunrise, not counting other economic benefits like jobs created, which will happen in Timor-Leste,” he said.

“The fact that the infrastructure is being built will stimulate other areas to be monetized and developed, but it will also help develop other industries, encouraging new exploration activities, onshore and even minerals,” he said.

Asked about the future of Timor-Leste without Sunrise, Monteiro admitted that the country would have much more difficulties, because at this time, this is the only project underway.

With a PF balance of between 15 and 16 billion and annual average withdrawals of 1.5 billion, “it will be 10 or 15 years until the PF is finished” and although this is not the only way to measure the future of the country, is something to consider, he said.

“It is very important to know that our development requires a lot of investment and, therefore, if we look forward to Timor-Leste’s future, then yes, there will be difficulties if Greater Sunrise does not move forward,” he said.

“So we are working very hard to try to move forward with the project quickly, investing some of our money, energy and support to have the first production in 2025. Generate revenue for PF, to keep it at a certain level or even to see it grow,” he said.

Monteiro rejected the argument of those who defend that Timor-Leste should move on from oil and gas, investing in other sectors, and insisted that the country has to invest in parallel in all areas.

“I think Timor-Leste cannot live without the oil sector for at least the next 30 years. History will show that, but I think the industry will still be with us for some time,” he said.

TimorGap estimates suggest that the 6.3 billion barrels of oil equivalent is yet to be exploited, he noted. The company has reached an estimate that it could represent a value of \$378 billion.

This total includes \$1.5 billion from Greater Sunrise, with the remainder coming from other onshore and offshore wells.

One of the most significant impacts of the project, explained Monteiro, will be in terms of labor, with up to ten thousand people involved in the construction of all infrastructures, plus an additional 250 to 300 for operation and maintenance.

“There are also those who will supply to the units of operation, the services along the south coast that the project will stimulate,” he said.

The investment, one of the largest ever by any Timorese institution, has raised concerns, especially by the opposition, about the technical and human capacity of TimorGap itself.

Monteiro insisted that the oil company is the only Timorese institution with three international ISO certifications, from the German certification company DNV-GL, and “the largest group of engineers, physicists, geologists, lawyers” and other experts in the petroleum sector.

This project will involve international partners, extensive ongoing training of technicians and will require “a certain degree of trust” in the capacity of Timorese institutions, without which no project will advance, he said.

It’s like the egg and the chicken. If you don’t trust in the ability to build, they will never have the capacity to build,” he said, noting that the TimorGap has implemented international standards, methods and processes to minimize human error.

Regarding the doubts still raised about the project, Monteiro said the debate “is more political than on other issues” with “some sectors using this issue for their own political agenda.”

“As a nation, as a young country, without experience in many areas, including this one, if there is no trust, we will never do anything,” he said.

ENTREVISTA: Timor-Leste quer pagar projeto Greater Sunrise sem recurso a Fundo Petrolífero -- Timor Gap

Lusa

08 Março 2019 — 05:32

Timor-Leste quer evitar recorrer ao Fundo Petrolífero para financiar os custos de capital de até 12 mil milhões de dólares para o desenvolvimento do projeto dos poços do Greater Sunrise, disse hoje o responsável da petrolífera timorense.

Em entrevista à Lusa, o presidente e diretor executivo da Timor Gap, Francisco Monteiro, disse que não pode ainda avançar exatamente quanto dessa fatura será paga por Timor-Leste, porque essa questão "ainda é comercialmente confidencial".

"Estamos em negociações com vários parceiros sobre várias formas de financiar o projeto e não quero avançar nenhum número. Mas o objetivo é que não se retire qualquer dinheiro do Fundo Petrolífero (FP)", sublinhou.

O objetivo é que o projeto devolva ao FP o valor de 650 milhões de dólares (cerca de 580 milhões de euros), que vai ser este mês investido para comprar a participação maioritária de 56,6% no consórcio dos poços petrolíferos Greater Sunrise, no mar de Timor.

Quando a produção começar, espera-se que garanta um retorno financeiro que pode alcançar os 28 mil milhões de dólares (cerca de 25 mil milhões de euros), explicou o responsável.

"A nossa estimativa conservadora é de que pelo menos 28 mil milhões entrarão no FP do Greater Sunrise, sem contar outros benefícios económicos como empregos criados, por isto ocorrer em Timor-Leste", disse.

"O facto de a infraestrutura estar a ser montada estimulará outros campos a ser monetizados e desenvolvidos, mas também ajudará a desenvolver outras industriais, encorajando novas atividades de exploração, 'onshore' e até de minerais", sustentou.

Questionado sobre o futuro de Timor-Leste sem o Sunrise, Monteiro admitiu que o país teria muito mais dificuldades, até porque, nesta altura, esse é o único projeto em curso.

Com um saldo do FP a rondar entre 15 e 16 mil milhões e levantamentos anuais médios de 1,5 mil milhões, "serão 10 ou 15 anos até o FP acabar" e ainda que isso não seja a única forma de medir o futuro do país, é algo a considerar, adiantou.

"É muito importante saber que o nosso desenvolvimento exige muito investimento e, por isso, se olharmos para a perspetiva de Timor-Leste avançar, então sim, haverá dificuldades se o Greater Sunrise não avançar", disse.

"Por isso estamos a trabalhar muito duramente para tentar avançar com o projeto rapidamente, investindo algum do nosso dinheiro, energia e apoio para ter a primeira produção em 2025. Gerar receitas para o FP, para o manter num certo nível ou até para o ver crescer", considerou.

Monteiro rejeitou o argumento dos que defendem que Timor-Leste deve deixar o petróleo e gás, investindo noutros setores, e insistiu que o país tem que investir paralelamente em todas as áreas.

"Penso que Timor-Leste não pode viver sem o setor do petróleo, pelo menos nos próximos 30 anos. A história mostrará isso, mas penso que o setor ainda estará connosco algum tempo", afirmou.

As estimativas da Timor Gap apontam para que esteja ainda por explorar o equivalente a 6,3 mil milhões de barris equivalentes de petróleo, notou. A empresa chegou a estimar que podem representar um valor de 378 mil milhões de dólares.

Esse total inclui 1,5 mil milhões do Greater Sunrise, com o restante a ser proveniente de outros poços 'on' e 'offshore'.

Um dos impactos mais significativos do projeto, explicou Monteiro, será em termos do trabalho, com até dez mil pessoas envolvidas na construção de todas as infraestruturas, a que se somam mais 250 a 300 para operação e manutenção.

"Há ainda que contar as que fornecerão as unidades de operação, os serviços em toda a costa sul e o que o projeto estimulará", frisou.

O investimento, um dos maiores de sempre de qualquer instituição timorense, tem suscitado preocupações, especialmente por parte da oposição, sobre a capacidade técnica e humana da própria Timor Gap.

Monteiro insistiu que a petrolífera é a única instituição timorense com três certificações internacionais ISSO, da empresa alemã de certificação DNV GL, e "o maior grupo de engenheiros, físicos, geólogos, advogados" e outros especialistas no setor petrolífero.

Este projeto vai envolver parceiros internacionais, extensa formação contínua dos técnicos e vai exigir "um certo grau de confiança" na capacidade das instituições timorenses, sem o qual nenhum projeto avançará, disse.

"Isto é como o ovo e a galinha. Se já não confias na capacidade de construir, eles nunca terão a capacidade de construir", considerou, ao referir que a Timor Gap tem implementado padrões internacionais, métodos e processos para minimizar o erro humano.

Sobre as dúvidas ainda levantadas sobre o projeto, Monteiro disse que o debate "é mais político do que outras questões" com "alguns setores a usarem esta questão para a sua própria agenda política".

"Tem que haver alguma confiança. Como nação, como um país jovem, sem experiência em muitas áreas, incluindo esta, se não houver confiança, nunca faremos nada", afirmou.